



XXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**Pontificia Universidade Católica de São Paulo
PUC- São Paulo/Brasil**

Ciborgues e Ciberfeminismos no Tecnocapitalismo A atuação feminista mediada pela tecnologia

Cláudia Pereira Ferraz¹

RESUMO: Este estudo traz metáfora ciborgue para abordar a potência das tecnologias da comunicação no tecnocapitalismo. Apresenta os movimentos ciberfeministas em seus percursos históricos, primeiramente, levantando o questionamento e a crítica sobre o ciberespaço poder ser um espaço emancipador para as mulheres. Pelo trabalho de observação oculta em comunidades feministas do Facebook, estes movimentos são levantados como base da reflexão sobre os atuais feminismos em rede online. Pensados sob a perspectiva de atuarem como símbolos da força de resistência sobre os poderes patriarcais, os quais compõem a tríade respectiva ao mercado, ao estado e à religião de fundamentalismo cristão, agindo politicamente nas instituições que dominam, subjugam, difamam, estigmatizam ou matam as mulheres quando não se enquadram nos preceitos morais dos valores normativos da sociedade, os quais fortemente vigoram apesar de caducos.

PALVRAS-CHAVE: Ciborgues, Ciberfeminismos, Ciberespaço, Tecnocapitalismo, Redes Sociais Digitais.

ABSTRACT: This study brings a cyborg metaphor to address the power of communication technologies in techno capitalism. It presents the cyber feminist movements in their historical paths; first, acting by questioning and the criticism on the cyberspace can be an emancipatory space for the women. By the hidden observation on Feminists Facebook pages, these movements are raised as the basis of the reflection on the current feminisms in online network. Thought from the perspective of acting as symbols of the resistance force on the patriarchal powers that make up the respective triad of the market, the state and the religion of Christian fundamentalism, acting politically as institutions that dominate, subjugate, defame, stigmatize or kill women and other social minorities, when they do not fit into the moral precepts of the normative values of society, which are strong in social contemporary, although are values out of date.

KEYWORDS: Cyborgs, Cyberfeminism, Cyberspace, Technocapitalism, Digital Social Networks.

Introdução

¹ Graduada em Ciências Sociais. Mestre em Antropologia pela PUC-SP. Doutoranda em Ciências Políticas Programa da Pós Graduação em Ciências Sociais pela PUC-SP. Bolsista CNPQ. Membro do Grupo de Estudos inscrito no CNPQ: Juvenália (Culturas Juvenis, Comunicação, Imagem, Política e Consumo) do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Faculdade ESPM.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A conceptualização do ciborguismo no *Manifiesto Ciborgue* por Donna Haraway (1985:02-05), ao final do século XX, serviu de grande inspiração aos ciberfeminismos em suas essências. Embora não seja um conceito recente, a autora destaca sua potência *como entidade, blasfemo irônico, incompleto*, que segue *minando* as categorias *tão prezadas pela sociedade ocidental*. O ciborgue também seria uma construção *de um animal-humano, numa máquina orgânica física e não física*; e, na sociedade capitalista/patriarcal, é visto como *desleal e insurrecional*.

Para a autora, o ciborgue tem a capacidade de assumir um papel que ela nomeia como *sujeito pós-moderno de guerrilha*, que é aquele que pega para si, as qualidades técnicas de seu inimigo e as utiliza aos seus próprios fins ideológicos, contrapondo o sistema institucional normativo. No tecnocapitalismo, aqui pensado como o contexto onde a tecnologia se desenvolve em favor do mercado capitalista, há fluxos que ainda ambicionam uma revolução *tecno-orgânica* – a partir da exaltação das tecnologias de comunicação exercendo um impulso na cooptação à subversão dos tradicionais valores, rumo a outra concepção de *progresso* (histórico e intelectual).

O desenvolvimento da pesquisa observa que o uso das tecnologias da comunicação como aliada à política das mulheres, não é um fenômeno recente, surgiu simultaneamente com o advento da internet. Um marco deste fato se dá pela atuação dos movimentos ciberfeministas durante os anos noventa. Tais movimentos buscavam a produção artística através das teorias feministas francesas e da inspiração sob o “Manifiesto Ciborgue” de Donna Haraway (1985). A obra desta autora, é considerada uma das mais influentes e inspiradoras da ciência sobre a tecnologia feminista. Mackenzie e Wajcman (1999:06), afirmam a relevância deste manifesto, quando fazem entender que, mesmo diante algumas ponderações questionáveis no ataque à ciência e à tecnologia, ela foi capaz de construir uma rejeição de tais modelos institucionalizados de maneira patriarcal e capitalista, em favor de um retorno mítico da potência positiva da ciência e da tecnologia a partir do ciborgue. Ou seja, ela foi capaz de conceber um ideal libertador sobre a ciência e a tecnologia.

Esta presente pesquisa observa a importância de tal fato, quando ainda pela colocação da dupla de autores acima citados, constata que a tecnologia é moldada pelo social. Ou seja, a tecnologia é uma ciência aplicada para cobrir utilidades que reagem às esferas econômicas e políticas, assim como culturais e técnicas.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em contra posição, este estudo se desenvolve observando os vícios de resistência, quando pela luz do conceito ciborgue e dos ciberfeminismos dos anos noventa atinge a era das redes sociais online - no contexto onde os feminismos mediados pela tecnologia oferecem alternativas possíveis para a potência de um movimento global que supere a falência social dada pelas políticas neoliberais e conservadoras. Analisando desse modo, os movimentos feministas se equipam pelas tecnologias da comunicação para subverter os valores que historicamente moldam a tecnologia e pela sociedade. Investigando desse modo os feminismos que são potentes como resistência às estruturas que regem as normatividades caducas, mas ainda em pleno vigor pelos poderes políticos conservadores.

Este presente estudo é síntese das análises das comunidades e páginas feministas do Facebook, com ênfase no monitoramento das páginas: *Geledés*², *Feminismo sem Demagogia*³ e *Transfeminismo*⁴. Especificamente estas três são constantemente monitoradas, pois estão sempre priorizando as publicações que tratam os feminismos que contestam as estruturas normativas da sociedade no que se refere raça, às performances de gênero e classes sociais, atingindo um grande número de acessos, compartilhamento e comentários. Os dados coletados dos ciberfeministas recentes, por suas expressões na rede social social/digital, acendem contra a *necropolítica* do estado e dos moralismos sociais, operantes fatalmente na violência de gênero. Servem neste presente estudo, como amostras que se aproximam deste diagnóstico, as páginas do Facebook: *Geledés*, *Transfeminismo*, *Mães de Maio*⁵ e *Feminismo sem Demagogia*.

A contemporaneidade, pelas denúncias de homo/lesbofobia, entre outros casos de feminicídios, estupros, morte por aborto feito de forma precária, o número de mortes acentuado sobre as mulheres negras, e a morte de seus filhos pela política de segurança do estado, torna a mulher vulnerável diante da necropolítica. E acaba por provar a posição de Latour (1994) quando alega que *nunca fomos modernos*, pois o diagnóstico da sociedade contemporânea se dá pelo ressurgimento de

² Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tag/facebook/>. Acesso:13/10/2017

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/?fref=ts>
Acesso:13/10/2017.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/Transfem/?fref=ts>. Acesso:13/10/2017.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/maes.demaio/?fref=ts>. Acesso 20/11/2017.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

valores que acentuam as diferenças sociais, de gênero, raça e religião. Conceitos que distanciam-se dos preceitos da modernidade pautados na *liberdade, igualdade e fraternidade* como um projeto social em nome de um projeto da sociedade. Sobre este aspecto, esta pesquisa está desenvolvendo um estudo, pelo olhar de Mbembe (2001) em torno da *necropolítica*; a outra faceta da biopolítica que segue gerando *sequências de injustiças e opressões* as quais inter-relacionam respectivamente as questões de classe, raça e gênero.

Tal fato, exige dos feminismos resistência e união ao abarcar as vozes e as dores das categorias sociais que sofrem os efeitos das políticas dominantes da cultura de mercado e do patriarcado como sistemas geradores da falência dos recursos naturais e éticos em prol de uma sociedade mais justa e emancipada em valores culturais e humanos.

Manifesto Ciborgue ainda é bastante útil como parâmetro que, mesmo metafórico, se manifesta contestando a visão única da narrativa política reconhecendo-a como força das *piores ilusões*. Em seu pensamento, a política-ciborgue seria, então, fruto da *premonição ao conceito da biopolítica*. Onde o fundamento de tal conceito, sob o ponto de vista de Foucault, faz-se essencial para extrapolar a visão ideológica dicotômica entre as estratégias das democracias, pautadas na cultura de mercado e na organização desempenhada pelo estado – que em nome do controle da vida, investem no trabalho da morte.

O Estudo Científico sobre os Feminismos

A metodologia empregada, segue os preceitos de Haraway (1995), inspirando a *visão* necessária à localização e interpretação dos saberes feministas, que tomam as tecnologias da comunicação dando vozes às suas políticas de ação. O estudo incorpora as técnicas de observação oculta em comunidades em rede online propostas por Skågeby⁶ (2013, 411,412) com as teorias de ator/rede de Bruno Latour (2013), sobre coletas de dados que partem da observação dos outros e as redes de conexão que estas ações online estabelecem.

⁶ O mapeamento se fez possível, pautando-se no exercício de observação oculta como parte do método proposto por Skågeby. Neste caso, acompanha-se o conteúdo e a discussão das páginas dos feminismos no Facebook, sem atuar ou interferir nas mesmas, apenas as seguindo, coletando e analisando os dados. Por esse viés metodológico se reconhece como os primeiros momentos da pesquisa, a inserção nas comunidades online do Facebook, permitindo o início da coleta de dados.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Quando Donna Haraway (1995:01-27) escreve sobre os *saberes localizados na questão da ciência e os feminismos, privilegiando a perspectiva parcial*, propõe uma *metáfora sensorial* sobre a *visão*. Esta parte dos sentidos é essencialmente necessária, segundo sua colocação para se evitar as *oposições binárias*, e direcionar com objetividade aos projetos científicos voltados aos estudos dos feminismos. Assim, visa garantir o desempenho das análises de maneira crítica, em saberes *localizados* dos feminismos, os quais, entre si, são diferenciados. Tal localização se dá no mapeamento das páginas feministas no Facebook, referente à perspectiva que atende a proposição da autora, na ação *de conhecimento potente* no sentido de *construir mundos mais livres das organizações formadas por eixos de dominação* e hierarquia. Ao introduzir as mediações tecnológicas simultâneas e transparentes em registros viáveis pela *tecno-ciência* da cultura digital (ideia estruturada antes do fenômeno das redes sociais online), Haraway oferece a possibilidade de se desempenhar a interpretação visionária, a qual, esta presente pesquisa busca se inspirar.

Por estas diretrizes o estudo elabora as explicações científicas e políticas do *corpo/máquina* na ação feminista - em comunicação online, pela difusão digital de suas manifestações políticas. A função da *visão* aqui, segue sua proposta na não *passividade* do olhar em sua função, no *sistema de percepção ativo* nas *construções de traduções* e maneiras *específicas de visualizar os modos de vida*, dos considerados nas reivindicações ciberfeministas clássicas e das redes digitais atuais. As palavras da autora, indicam a necessidade de *fidelidade à visão do outro*, mesmo quando, o *outro é nossa máquina!* Ela encaminha esse estudo, à busca da *compreensão dos sistemas visuais* em sua *funcionalidade técnica, social e psíquica*, trabalhando a imaginação e a razão, na combinação entre a *visão visionária* e a *visão objetiva* dos dados que emergem das redes e das ruas.

Encontrando a possibilidade de reflexões qualitativas sobre os ativismos feministas contemporâneos pela comparação das análises de diferentes amostras destes grupos em rede social/digital, está se verificando os pontos ativos ideologicamente nos feminismos.

Pelo viés metodológico, pautado em Skågeby (2013:411), se reconhece como os primeiros momentos da pesquisa, a inserção nas comunidades online do Facebook, permitindo o início da coleta de dados. Neste quadro, a quantificação das mensagens feministas online são selecionadas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pelo critério de atuação⁷ social/digital na esfera feminista em grupos do Facebook, ativa pelas postagens que geram agendas, debates e informações que estas executam. Tal trabalho, sobre a atuação feminista envolvida com a tecnologia e sua interação entre rede/rua, desenvolve-se conforme Latour (2012:191,197), sugere, quando defende *tecer redes de atores* - visando permitir o *estabelecimento de uma gama de combinações e operações*.

Sob o ponto de vista dos ativismos feministas ativos na rede social/digital, ao investigar os dados coletados e categorizados, encontram-se elementos que comprovam a vinculação política das ações dos movimentos ciberfeministas em rede com o espaço público - demonstrando como as atuações dos grupos sociais/digitais contemporâneos encontram-se globalmente, e automaticamente sinérgicas entre as esferas online e offline, ou no ciborgue emergente da sinergia entre a condição humana e tecnológica.

Cabe mais uma vez, voltar a Haraway (1995:25) para finalizar os processos do estudo científico sobre os ciberfeminismos, considerando estes saberes localizados, *em conversas e códigos feministas*, desempenhando a potência dos *significados possíveis*, podem estimular uma revisão do mundo, a partir, da *decodificação* dialogada que se dá em torno das publicações das páginas feministas acompanhadas. Entusiasmado-se pela *esperança* de localizar debates que trazem *responsabilidade na política* do cotidiano tecno-capitalista.

Tecnologia Feminista

Metaforicamente, mas ao mesmo tempo, não distante da realidade quimérica dos atuais atores sociais – *teóricos e fabricados, máquina e organismo*. O conceito ciborgue de Haraway ainda é altamente político em sua potência que reside na intensidade da *realidade* e da imaginação. Mesmo escrito décadas antes da efervescência das mídias móveis conectadas online interagindo socialmente em aparelhos que vivem acoplados ao corpo ou próximo à ele, a condição ciborgue já era dada nesta obra como a *revolução das relações sociais* na quebra da *polaridade entre público e privado*. Tecnologias *eminente portáteis* e móveis, Haraway faz pensar sobre a fragmentação da intensidade da *dor humana*, em câmeras que cabem nas mãos. Onde o rompimento das fronteiras

⁷ O critério do olhar que seleciona os perfis significantes na atuação política social digital dos movimentos feministas no Facebook, segue neste estudo, a proposta de Latour, quando propõe o desdobramento dos atores como redes de mediações, cultivando sempre as descrições dos Atores em Rede.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

entre a vida pública e privada, questiona também as relações de poder, dominação e hierarquia. Privilegiando as conexões em detrimento ao *holismo*; em prol da imaginação que corporifica organicamente nossa capacidade de resistência.

Esta presente pesquisa, a partir da metáfora de Donna Haraway e sua proposta *Ciborgue*, analisa os feminismos nas ruas, sob a perspectiva do conceito de *Multidão* de Hardt e Negri (2005) – a multidão ciborgue ou ciberfeminista no papel de estabelecer a compreensão sobre a imanência dos ativismos feministas online e sua relação rede/rua. O que aqui, é denominado como *Ciberfeminismos online*, está no sentido de subverter o uso do aparato digital; gerando informações, debates, agendas de manifestações e mecanismos de apoio às mulheres, vítimas de violências, assédios e estupro através da conexão em rede social. Faz parte do objetivo do desenvolvimento deste estudo, localizar nestes feminismos em rede social, as expressões das mulheres com suas forças de resistências aos múltiplos fascismos cotidianamente normatizados pelo ideal patriarcal persistente no tecnocapitalismo. Mas, para isso, traça brevemente, o histórico da relação entre mulher e tecnologia, a partir dos ciberfeminismos.

Ao menos no ambiente do ciberespaço, as ciberfeministas tinham em vista, a libertação da mulher das amarras binárias sobre gêneros e imposições estéticas femininas, pois ao final do séc.XX, as tecnologias de comunicações não dispunham dos dispositivos que baixam fotos e imagens pessoais em redes sociais online. Percebe-se, por isso, que desde os primeiros questionamentos sobre a potência revolucionária do ciberespaço, o desenvolvimento do tecnocapitalismo, ainda mantém a ambiguidade sobre a tecnologia da comunicação em rede social digital. Dessa maneira, no campo do Facebook, e nas demais redes online, é possível pensa-las fazendo parte do aparato que garante a perpetuação dos conceitos e valores mercadológicos, típicos das antigas mídias. Pois, durante décadas, as técnicas das velhas mídias, agiram como vetores das subjetividades, a partir do direcionamento da construção das normatividades econômicas e de gênero, modulando as conveniências da existência. As mídias, de modo geral, servem como combustível ideal para o funcionamento da máquina capitalista, inovando sempre na fabricação de modos de viver e novas tendências de consumos. No entanto, aqui, o que, principalmente se busca observar na tecnologia, é o outro lado, que atrelado aos feminismos, revela sua potência política,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

bastante forte.

A compreensão sobre as potências observáveis no conceito ciborgue do manifesto de Haraway para alcançar uma tecnologia feminista se faz relevante na era das redes sociais. Pois, dos feminismos mediados pelas tecnologias da comunicação pode se emergir a potência da resistência contra os enquadramentos normativos de moralidades que não se sustentam. A atuação para transformar a política, para Haraway é urgente e carente de usar mutuamente a imaginação e a realidade como forças subjetivas de resistência. Para desse modo, não produzir e reproduzir o que segundo ela, são as políticas *sindicalistas masculinistas e militarizadas*. E assim, transgredir as fronteiras se apropriando da técnica; não para dominação como nas sociedades industriais e sim para unidade mundial das pessoas que tentam resistir às imposições perversas das redes de poderes institucionalizados que subjagam, difamam, oprimem e matam: os socialmente estigmatizados, os quais não se enquadram nas formas normativas socialmente impostas. O que se faz nítido nas publicações em páginas do Facebook que denunciam as mortes das mulheres que se dão pelos diferentes feminicídios ou por práticas clandestinas de aborto como efeito nocivo de sua ilegalidade.

É como resistência e ressignificação à histórica da construção da tecnologia, levando em seu bojo as estruturas políticas e mercado montadas sob a base patriarcal de valores, que se trabalha a hipótese dos feminismos atrelados à tecnologia das comunicações, se tornarem aliados para uma política das mulheres.

No percurso histórico sobre o questionamento da tecnologia à serviço das mulheres, a colocação de Wajcman (1991:02) alega que a base do raciocínio e da razão patriarcal é a origem do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. O que traz como consequência, segundo ela, o olhar sobre a mulher, que a subordina ao considera-la demasiadamente emocional para se engendrar no desenvolvimento tecnológico e científico. Desse modo, teóricas feministas produzem um contraponto importante à base da razão tecnológica, produzindo uma ciência questionadora dos parâmetros comumente aplicados socialmente, no âmbito da ciência e da tecnologia em suas relações de poder na sociedade.

Pode-se afirmar portanto, a relevância do trabalho de Langdon Winner (1983:3), sobre a *política dos artefatos* produzidos pela tecnologia, encarnada em certas formas de poder e hierarquia,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

assim como, Wajcam (1991:89) destacam a importância de distinguir as diferentes fases dos processos de industrialização envolvendo o desenvolvimento das diferentes tecnologias. Onde a relação do homem com a tecnologia é bem diferente da mulher, quando a noção cultural de masculinidade compete ao uso e ao reparo das máquinas. Para que assim, as máquinas se constituam como a extensão do poder masculino marcado sobre seu controle em torno do artefato tecnológico. Nesta esfera, a apropriação das tecnologias das comunicações é potencialmente aliada das reivindicações das mulheres, quando não reproduzem as marcas sociais das estruturas de poderes que determinam as características da sociedade patriarcal e de mercado. Ou seja, se emerge a potência dos feminismos em redes, quando eles transcendem e subvertem as hierarquias de poderes, a competição e o individualismo, características que marcam as relações normativas da contemporaneidade.

Ciberfeminismos no Tecnocapitalismo

Percebe-se que desde os primeiros questionamentos sobre a potência revolucionária do ciberespaço feitos pelas ciberfeministas nos anos noventa, o desenvolvimento do tecnocapitalismo, ainda mantém a ambiguidade sobre a tecnologia, principalmente com o advento da comunicação em rede social digital em mídias móveis. Dessa maneira, no campo do Facebook, e nas demais redes online, é possível pensá-las fazendo parte do aparato que garante a perpetuação dos conceitos e valores mercadológicos, típicos das antigas mídias. Pois, durante décadas, as técnicas das velhas mídias, agiram como vetores das subjetividades, a partir do direcionamento da construção das normatividades econômicas e de gênero, modulando as conveniências da existência. As mídias, de modo geral, servem como combustível ideal para o funcionamento da máquina capitalista, inovando sempre na fabricação de modos de viver e novas tendências de consumos. No entanto, aqui, o que, principalmente está se buscando observar na tecnologia, é o outro lado, subvertendo tal condição – em sua potência política.

Cabe destacar, a tecnologia conjugada ao sistema capitalista contemporâneo, repercutindo o que este trabalho trata como tecnocapitalismo. Constituindo uma era, onde as questões técnicas se sobrepõem às questões humanas. No entanto, na ação da resistência, o peso da metáfora do ciborgue



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de Haraway traz à esta pesquisa, a proposta da ação política ao aparato tecnológico, subvertendo humanamente, as técnicas próprias da era tecno-capitalista e suas máquinas sociais normativas.

Uma importante definição sobre o movimento ciberfeminista, está na elaboração de uma paródia *sobre o que o Ciberfeminismo não é: a 100 Anti-teses*⁸, repercutindo as cem negações constitutivas de sua proposta, no centro da política ciborgue. Tal texto de *Las Cyborgues*, diz que a ironia desta *ante tese*, distanciou o ciberfeminismo do feminismo tradicional, que evidenciou seu desprezo sobre a ferramenta tecnológica para intuito político destas feministas.

Para localizar melhor os Ciberfeminismos, Ileana Stofenmacher (2013:01), em seu texto sobre a *feminização da rede*, conta que o movimento Ciberfeminista a princípio nasceu no final do séc. XX em Adelaide, uma cidade da Austrália, no momento em que um grupo de trabalhos e estudos, composto por *Josephine Starrs, Juliana Pierce, Francesca da Rimini e Virginia Barrat*, decidiram trabalhar com arte e teoria feminista francesa, além de prestarem homenagem a Haraway e seu conceito ciborgue em sua primeira obra-texto artística: *Vns Matrix – Manifesto para o séc. XXI*. Após algum tempo, esta onda atingiu grupos intelectuais e feministas localizados na Austrália, Estados Unidos e Europa, numa forma de resposta contra a *cultura popular do jogo de vídeo, Internet e ideologia ciber-punk*.

Realizaram três congressos internacionais, o primeiro foi em vinte de setembro de mil novecentos e noventa e sete, em Kassel, na Alemanha; o segundo em março, dois anos depois; e o terceiro em dois mil e um em Hamburgo, na Alemanha. Mas, conforme Stofenmacher, partiu das australianas a conquista dos espaços digitais, afim, de criar uma cultura tecno na *vanguarda do conceito*, que utilizava a *tecnologia* e as teorias feministas *como linguagem artística*.

Na esfera do tecno-capitalista, este estudo tem a ver com o que Rosi Braidotti (2002:01), apresenta a respeito da pós modernidade estar intimamente ligada com a realidade eletrônica. E seus fluxos de informações como dados passíveis de controlados e instrumentalizados, de modo bastante problemático. No entanto, Faith Willding (1998) atribui aos ciberfeminismos a representação da narrativa *irônica e paródica* em importantes manifestações das subjetividades e representações no ciberespaço. Lugar onde encontramos uma vasta articulação feminista e *proto-feminista*, segundo

⁸ Disponível em: <http://www.nodo50.org/mujeresred/internet-ciberfeminismo.html>. Acesso:21/08/2017.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ela. É onde se afirmam os ciberfeminismos sociais como movimentos baseados na conexão entre os princípios *antiglobalização neoliberal e direitos humanos*, ou seja, *feminismos* como *estratégias de transformação social* pela apropriação da tecnologia.

A atmosfera ao final do século XX, inspirava uma revolução tecnológica pela realidade eletrônica transformando a vida social. A *Techno-utopian*, foi a terminologia desenvolvida por Wilding (1998:09-12), usada na qualificação das respostas ciberfeministas para as desconstruções dos valores patriarcais dominantes na questão de gêneros. Reprogramando o sentido da tecnologia de comunicações, com vista em dar suporte à transformação da condição normativa, partindo na idéia de dissolução dos gêneros. Observa-se de fato, que, ao contrário de diluir as noções de gênero, este presente estudo, aponta as recentes mídias em redes sociais digitais constituindo provas evidentes nas distinções de gêneros pelos choques entre as abordagens existentes sobre tal conceito, e pelo espaço digital online se transformar em avatar da identidade presencial. Por outro lado, pelo fato do Facebook⁹ americano conter mais de cinquenta e seis tipos de gêneros, acende claramente uma tendência ao não binário e dicotômico simbolizada na rede social/digital.

Mas, continuando ainda na reflexão de Wilding, a junção entre *ciber* e *feminismos* criou uma importante formação na história do feminismo e na mídia eletrônica do tecnocapitalismo. Determinando assim, o trânsito transnacional na participação dos ativismos feministas pela liberdade e justiça às mulheres, e nas construções das não normativas, identidades gêneros da contemporaneidade tecno-capitalista.

Embora o termo *ciber* seja originário de uma vontade de poder e controle que se evidenciava sobre as convicções norteadoras da cibernética, sua conjuntura com os feminismos, pode oferecer possibilidades dos feminismos revigorarem-se pelo o uso das mídias eletrônicas da internet, entre outras práticas digitais. Para ela, estes movimentos proporcionaram o *empoderamento* das mulheres pela *tecno cultura*. No entanto, diz que precisam evitar danos prejudiciais, quando não abordam questões contidas no feminismo tradicional, relativas à *exclusão, lesbofobia e racismo*, desprezando as análises e estratégias feministas acumuladas até então. Nos coloca que, a definição em torno do ciberfeminismo pode ser *fluida*, e *afirmativa* nas estratégias e metas dos feminismos

⁹ Disponível em <http://ladobi.uol.com.br/2014/02/56-opcoes-genero-facebook/>. Acesso:22/08/2017.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

contemporâneos. E sua a grande colaboração, está no fato das ciberfeministas elaborarem uma vasta leitura e projetos web ao redor da *Teoria da visibilidade da diferença sexual*, sobre a representação digital da mulher em escala digital. Os questionamentos ciberfeministas colaboraram imensamente em tornar a mulher visível nas tecnologias da comunicação do tecnocapitalismo, criticando os valores *falocêntricos da tecno-ciência*, na dominação capitalista global das redes de comunicação. Coube então, a estes movimentos, redesenharem as pesquisas e estratégias da vanguarda feminista, no entanto, *necessitam de crítica sobre as construções utópicas das relações no ciberespaço*, e sobre o patriarcado atuante nos dispositivos da biopolítica em códigos totalizadores do comportamento. Ela defende, a necessidade de uma *declaração ciberfeminista de solidariedade* entre as iniciativas do feminismo *pós colonial*, com a tecnologia da comunicação no suporte das estratégias políticas na era tecno-capitalista.

O estudo sobre as páginas feministas em rede social online e a revitalização do feminismo, pode ser elucidado, em outro aspecto à partir do trabalho de Aragonès (2009:09) da Universidade Oberta de Catalunya, a qual, discorre a cerca da *feminização da internet* e suas estratégias. Ela apresenta o ciberfeminismo social culminando a conexão dos movimentos ante *neoliberais* pelos grupos *pacifistas e ativistas na ecologia e defesa dos direitos humanos*, desde os anos noventa. Estabelecendo desse modo, os pontos de convergência com os feminismos, proclamados pelas novas tecnologias como estratégias que visam abalar as estruturas de bases profundas no patriarcado - em a busca de justiça, igualdade e direitos. Por outro lado, o estudo de Liniers (2003:167,168) lembra que os ciberfeminismos se enfraqueceram por perderem suas ideologias e debates políticos. E é possível dizer, que ganharam novamente força nos últimos tempos, com a difusão das ideologias reacendidas pelas redes sociais digitais, proporcionadas pela comunicação no tecnocapitalismo.

Conclusão

Os resultados deste estudo, repercutem sobre as novas atuações ciberfeministas redimensionando suas propostas nas redes e nas ruas, levando em consideração a amplitude e abrangência do tecnocapitalismo, onde historicamente, interligam-se as opressões de gênero às questões políticas e econômicas. As ciberfeministas como propostas de questionamentos diferentes



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sobre a tecnologia, desdobram-se em certos ativismos feministas online, sem que isso fosse um projeto consciente das ciberfeministas do final do séc. XX. Porém, entre suas pautas, ainda destaca-se a resistência sobre o modelo tecno-capitalista entrelaçado aos valores patriarcais e dominantes economicamente. Os recentes ciberfeminismos, em grande parte, reconhecem o vetor do sistema totalizador, ao mesmo tempo, discriminador e normatizador do controle e da violência contra os espectros femininos do ser humano.

A conexão e participação em redes sociais digitais, também marca a essência deste tempo. Sobrepondo-se a atividade de ócio, narcisismo e entretenimento, a conexão em comunicação digital, quando articulada politicamente, tende a viabilizar outros olhares e questionamentos, os quais esta pesquisa vem se encarregando de refletir quando relacionados aos feminismos.

Este presente estudo cumpre sua proposta, ao analisar os movimentos feministas desdobrados nos ciberfeminismos em rede social online, como a potência da resistência, à histórica estrutura de poderes, hegemonicamente capitalistas e patriarcais; alimentando os dispositivos de subjetividades com a potencialidade de transmutação e transformação sobre valores das bases do tecnocapitalismo. Como representação deste movimento dos dispositivos, a máquina em conexão em rede social online pode ser vista como um campo fruto do ideal colonizador e patriarcal. Mas é olhada também, como um campo que pode proporcionar elementos para a reinvenção das subjetividades. Metaforizando Hataway em seu ciborgue insurrecional, que se organiza e se comunica digitalmente, a análise tem a ênfase na observação, das possibilidades ação de subversão pelas as tecnologias e suas esferas patriarcais, desempenhando um rompimento com o padrão tradicional da *racionalidade tecnológica* na linha histórica do tecnocapitalismo.

Onde segue o projeto de localizar nas redes sociais digitais e nas ruas o que se remete ao que Foucault (1991) e seu prefácio à obra de Deleuze e Guatarri, traduz pela busca do *desejo*, em sua intensidade *política*, podendo *reverter a ordem* que ainda permanece sob a norma dominante, violenta e fascista - *vigorando nos desejos das massas*. A pesquisa vem assim, verificando onde a prática política feminista pode agir socialmente, intensificando o pensamento, culminado em outras maneiras de pensar e intervir politicamente.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Compreendendo que o *indivíduo é produto do poder*, conforme as palavras de Foucault, esta tese está percorrendo sua proposta de *agenciamentos em diversos deslocamentos* feministas que incorporam a tecnologia na militância e ação crítica no questionamento das redes de poderes baseados nos padrões de normatividade héteronormativa, com ideal no soberano branco, aristocrático e repleto de posses. As amostras dos feminismos online, que estão sendo coletadas mostram subversão ao uso comum da tecnologia da comunicação, apropriando-a como fonte de contestação, estratégia de articulação, proteção e diálogo ente as mulheres contra os transfigurados fascismos cotidianos, enraizados na matrizes do pensamento brasileiro. Lançando ainda, seus espectros na dominação dos valores, ditando as regras sobre o corpos, as moralidades e os costumes impostos às categorias femininas comumente subjogadas pelo sistema de valores tecno-capitalista.

Aberto à pluralidade de vozes e discursos ciberfeministas, o ciberespaço com suas redes sociais é um espaço público não alheio aos sistemas de dominação social e/ou gênero, porém aqui, coube considera-lo também, espaço com potência política. E, entendendo a consideração do feminismo sobre a intimidade, ser política, o campo digital viabiliza a intimidade da mulher traduzida em sua subjetividade na rede, justificando desta forma, o ciberespaço em conexão, como um campo público, altamente político.

Compete então, finalizar, salientando que, considerável parte dos ciberfeminismos, mapeados em suas mediações pelas tecnologias da comunicação confrontam e enfrentam as estruturas de poderes mediados pelo estado e pelos fundamentalismos cristãos, onde aqui, as mulheres e suas ações feministas são as *subjetividades desviantes*, que pensam, clamam e reclamam nas redes e nas ruas por uma forma mais justa e democrática de viver e existir – na pretensão de interagir e se apropriar com autonomia, o aparato das tecnologias materiais e sociais do mundo para torna-lo mais humano, que técnico.

BIBLIOGRAFIA.

ARAGONES, Aina Fernádes, La Feminització d'Internet. Ús d' estrategies femenines en la cultura hacker,2009., Univerdisidat Oberta de Catalunya

BAIDOTTI, Rosi: Diferença diversidade e subjetividade nômade. Tradução de Roberta Barbosa. In: Labry's Estudos Feministas, 2002

DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariana. Ed. Vega – Passagens. Lisboa, 1996.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

<https://pt.scribd.com/doc/48275693/O-que-e-um-dispositivo-Gilles-Deleuze>

FOULCAULT, Michel: *Introdução a uma vida não fascista* : Tradução de Carmem Bello, Rio De Janeiro. Holon Editorial, 1991. In: O Anti- Édipo – prefácio. NY, 1987. Extraído de: Dossier Deleuze , organizado por Carlos Henrique de Escobar. <http://www.michelfoucault.com.br/files/Foucault%20Anti-edipo%20-%2022jun13.pdf>

HARAWAY. Donna; MANIFESTO CIBORGUE – ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX, 1985. In: <http://www.rodrigomedeiros.com.br/pos/download/oriana/01-ManifestoCyborgI.pdf>

HARAWAY. Donna; O humano numa paisagem pós humanista. Estudos Feministas 1993. In: Revista de Estudos Feministas. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16064/14593>

HARAWAY. Donna saberes localizados: a questão do feminismo e o privilegio da perspectiva parcial, 1995 http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1065_926_hARAWAY.pdf

LATOUR, B.(1994). *Jamais fomos Modernos - ensaios de Antropologia Simétrica*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Ed.34

LATOUR, Bruno; *Reagendando o Social – uma introdução às teoria Ator-Rede*. Tradução do Gilson Cesar de Sousa; Salvador/Bauru ed. EDUSC, 2012.

LINIERS, Maria Rubio; *La Imagen Virtual de la Mujer – dos estereotipos tradicionales al Ciberfeminismo*. Revista Feminismo/s, Madri, Espanha, 2003

MAC GRAGOR, Helena Chaves - *Necropolítica - A política como trabalho de morte*. Revista Ábaco, V.4 numero 48. Miradas Sobre um Fascismo Insistente. México, 2013

MBEMBE, Achille; Necropolitics. Translated by Libby Meintjes, Duke Universit, 2003 In: <https://www.dartmouth.edu/~lhc/docs/achillembembe.pdf>

STOFENMANCHER, Ileana: Feminización de la red. Revista Aura Digital – estudos de la cibercultura hipertextual. http://vc.uoc/04_999_01_u07/ciberfeminisms47.html

SKÅGEBY, Jörgen. Online Ethnographic Methods: Toward a Qualitative Understanding of Virtual Community. Sweden: Ed. IGI Global, 2013.

WINNER, L. *¿Tienen política los artefactos?* Organización de Estados Americanos para la Educación, la Ciencia y la Tecnología. En línea junio 09. Documento disponible en: <http://www.oei.es/salactsi/winner.htm>. Acesso:12/11/2017.

WILDING, Faith ; Where is the Feminism on Cyberfeminism? – The Feminist, 1998. II Paradoxa, V. 2 E- Zine, 2013. In: www.feministezine.com/feminist/cyberfeminist.html. Acesso:22/11/2017.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio